

RELATO DE EXPERIÊNCIA: MONITORIA DE DESENHO DA FIGURA HUMANA

GEOVANNA REIS BRITO¹;

ALICE PORTO DOS SANTOS²:

¹*Universidade Federal de Pelotas – geovanna.reis.brito@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aliceportos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, é relatada a experiência da monitora durante as aulas ministradas pela Professora Doutora Alice na disciplina de Desenho de Figura Humana para os alunos de Artes Visuais, bacharelado e licenciatura, no semestre 2023/2 da Universidade Federal de Pelotas. Essa matéria faz parte do nível irradiador de conhecimento básico do curso, promovendo um espaço para experimentação de materiais, técnicas e a percepção do corpo humano a partir de um modelo vivo.

Na disciplina, foram desenvolvidas habilidades práticas e perceptivas, como tensão e equilíbrio, forma e proporção, e estrutura óssea, evitando fórmulas prontas, a fim de incentivar a percepção individual de cada aluno. O desenho a partir de uma referência, especialmente uma tão complexa e orgânica como o corpo humano, podia ser intimidador e confuso, uma vez que os alunos ainda não tinham desenvolvido o olhar necessário para reconhecer as estruturas que compõem essa figura.

Em termos de procedimentos, uma oficina de modelo vivo é algo muito simples: um modelo posa enquanto artistas, a partir da observação desse corpo, desenham, pintam, fazem gravuras e esculturas. (...) Essas oficinas são tratadas, em especial no âmbito acadêmico, como um modo de aperfeiçoar a representação que o artista faz do corpo humano (MASCHIO; TÓTORA, 2016, p. 48).

Além disso, foi incentivada a exploração do estilo individual, visto que a maioria dos alunos desta matéria estava no terceiro semestre e já aplicavam suas expressões como artistas em cada atividade. Tais processos exigem um grau de particularidade inerente a cada indivíduo, como a sensibilidade e o pensamento que seriam expressos em cada obra. O ato interpretativo, nesse contexto, não deve ser reduzido apenas à lógica, pois depende de valores qualitativos particulares ao sujeito (MEIRA; MARLY, 2009).

Cada desenho produzido em sala era diferente, mesmo que se baseasse em um único modelo, tanto pela limitação do espaço físico em que cada aluno se encontrava, observando de ângulos distintos, quanto pela própria experiência e expressividade individual. Os alunos também apresentavam diferentes níveis de familiaridade com os materiais, com o desenho e até com o curso, no caso dos que se inscreveram na disciplina como alunos especiais. Dada a demanda por acompanhamento para respeitar os ângulos de visão e proporcionar apoio técnico, o papel do monitor tornou-se indispensável.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A monitoria ocorreu durante as aulas presenciais, ministradas no ateliê específico para figura humana no Centro de Artes, e em aulas especiais realizadas

no Theatro Sete de Abril, no centro de Pelotas. O trabalho contou também com o apoio de um colega monitor voluntário.

As aulas dentro do campus tiveram três focos principais: modelos externos, alunos como modelos e o esqueleto anatômico. Durante as atividades práticas, os alunos utilizavam cavaletes dispostos ao redor do modelo e materiais de desenho, tanto próprios quanto fornecidos pela sala, como tinta guache, giz seco e oleoso, lápis grafite e colorido.

Os modelos convidados eram diversos em gênero, raça, idade e experiência com poses. Eles posaram nus, seminus ou vestidos, conforme seu conforto. Apesar das orientações da professora, os modelos tinham liberdade para escolher poses, requisitar pausas e fazer acomodações para tornar as poses menos cansativas. Além disso, podiam selecionar acessórios e itens de apoio, o que adicionava novas dinâmicas aos desenhos.

Os alunos que serviam de modelos posavam sempre vestidos, com variações de duração e dificuldade nas poses, frequentemente revezando em duplas ou trios com os colegas, algo que se assemelhava a uma oficina colaborativa. Interessante notar que, por diversas vezes, os alunos optaram por poses desafiadoras, guiados pelo conhecimento adquirido em aula, buscando posturas não convencionais.

Na Oficina Colaborativa, não há modelos contratados: os próprios participantes se revezam posando entre si, permitindo a todos experimentar livremente todas as facetas da produção artística. O “resultado” a ser alcançado não é o desenho, mas sim a vivência múltipla. Ao se ver como artista e modelo, o participante expande seus limites perceptivos e passa a entender sua produção e seu corpo de outra forma.¹

O esqueleto anatômico, uma ferramenta do ateliê, tem suas limitações, pois é impossível deixá-lo de pé, com o braço erguido ou sentado. Em compensação, foram utilizados diversos acessórios, sugeridos pelos alunos. O uso desse equipamento foi fundamental para fomentar o conhecimento sobre a estrutura óssea e as proporções corporais, sem recorrer a fórmulas prontas.

Fora do campus, houve a "Praia do Desenho", evento colaborativo realizado na segunda semana de dezembro de 2023, no Theatro Sete de Abril. Além dos alunos, participaram membros da comunidade, convidados e interessados que souberam do evento por meio de uma breve divulgação.

Apesar da falta de familiaridade com o ambiente, tanto por parte da monitora quanto dos alunos, observou-se uma boa relação com o local, que é um patrimônio cultural e histórico de Pelotas. Os modelos posaram com roupas de praia, e os alunos contribuíram emprestando objetos temáticos, como cadeiras e cangas. Houve também momentos de oficina colaborativa, utilizando o palco e a arquibancada do teatro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as experiências durante a monitoria, observa-se que foi cultivado um ambiente propício à criação artística, que acomodou as individualidades dos alunos enquanto descobriram suas etapas de produção de obras experimentais, bem como suas aplicações no mercado de trabalho e no ensino.

Estudantes com algum contato prévio com o desenho, ou aqueles que ingressaram como alunos especiais, tiveram a oportunidade de explorar novas possibilidades, ampliar seu repertório de materiais e técnicas, desenvolver a

¹ Disponível em: cargocollective.com/oficinacolaborativa. Acessado em: 24 de set. 2024.

percepção do corpo humano e sua própria linguagem, além de enriquecer seus portfólios.

Aqueles que não planejam seguir o desenho como meio principal de expressão, ou que desejam lecionar, aprimoraram seu repertório de técnicas, familiarizaram-se com o corpo humano e têm a possibilidade de aplicar esses conhecimentos em outras áreas.

A monitora, por sua vez, teve a oportunidade de trabalhar com pessoas que apresentavam diferentes níveis de domínio sobre anatomia, orientando-os não apenas nesse aspecto, mas também em outras dimensões do desenho, respeitando o estilo e o ritmo de produção de cada um.

A "Praia do Desenho" foi uma oportunidade única de monitorar um grupo diversificado de pessoas com variadas experiências em desenho, fora do ambiente convencional da sala de aula, além de enfrentar o desafio de lidar com materiais e apoios limitados.

Os principais beneficiados com a monitoria foram os estudantes, que contaram com o apoio adicional de dois monitores em sala de aula e contato com um repertório de outro curso. A professora também se beneficiou ao receber suporte em suas atividades, e a aluna monitora obteve uma valiosa experiência acadêmica.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MEIRA, M.R. **Filosofia da criação**. 3v. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.
MASCHIO, B.; TÓTORA, S. Oficina de modelo vivo: um experimento ético-estético. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 47–56, 2016.
A Oficina. Oficina Colaborativa de Modelo Vivo. [s.d.] Acessado em: 24 set. 2024. Online. Disponível em: <https://cargocollective.com/oficinacolaborativa>